



A ESPETACULARIZAÇÃO DA NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS E O XANGÔ PERNAMBUCANO

Maria Gabriela Borges Mascarenhas¹

Zuleica Dantas Pereira Campos²

RESUMO

Resgatar a história do terreiro das Tias do Pátio do Terço, estabelecer a relação entre o Terreiro e a Noite dos Tambores Silenciosos e investigar até que ponto os processos de reafrikanização e intelectualização dos terreiros espetacularizaram a Noite dos Tambores Silenciosos são especificamente os objetivos deste trabalho. Dada a suposição por Motta & Brandão (2002:63) de que a *Casa das Tias do Pátio do Terço* correspondesse ao modelo mais antigo, para não dizer arcaico, do xangô de Pernambuco, nota-se a importância de aprofundar estudos acerca deste terreiro e as atividades sociais que engloba. Para melhor entendermos o processo até o reconhecimento do terreiro como importante centro na cena afro-pernambucana, é necessário compreender como se deu esta valorização, salientando a figura de Maria de Lourdes da Silva, popularmente conhecida como Badia, respeitável sucessora das *Tias*. Foi Badia quem estabeleceu, juntamente com o sociólogo e jornalista Paulo Viana, na década de 1960, o encontro das nações de maracatu no Pátio do Terço para a cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; cultura; modernização.

Projeto de Pesquisa: Religiosidade Popular e Poder no Nordeste Oriental do Brasil: Alteridade e Intolerância

INTRODUÇÃO

Os debates acerca da tradição e da modernização nos Xangôs pernambucanos têm lugar num cenário acadêmico em que a busca da compreensão das diferentes gramáticas que possibilitam fenômenos híbridos (sincréticos) estão sendo rediscutidas e reinventadas. É o entendimento das novas práticas no processo de modernização dos terreiros, considerados tradicionais do Recife, que se pretende desenvolver nesta pesquisa.

Em Pernambuco, as religiões de origem afro-brasileira são chamadas de Xangô. Essa palavra refere-se especificamente a um dos orixás pertencentes ao panteão afro-brasileiro, deus do raio e do trovão. A religião Xangô, portanto, equivale ao chamado Candomblé na

¹ Estudante do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco do Centro de Teologia e Ciências Humanas; Bolsista do CNPq. E-mail: mgabrielaborgesm@gmail.com

² Professora Dra. do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco do Centro de Teologia e Ciências Humanas; E-mail: zuleicape@hotmail.com





Bahia, Tambor de Mina no Maranhão, Batuque no Rio Grande do Sul, entre outras denominações. No decorrer do século XX os estudos sobre essas religiões de matriz africana – que então se tornaram mais conhecidas a partir da década de 1930 como Xangôs - tomaram uma importância tal na antropologia que vai caracterizar (formar) uma escola especializada nesses estudos. Ulysses Pernambucano (1932), Gilberto Freyre (1998), Gonçalves Fernandes (1937), Vicente Lima (1937), René Ribeiro (1952), Roberto Motta (1977 – 1978), Maria do Carmo Brandão (1986), são alguns nomes que podemos citar como construtores, digamos assim, de uma antropologia afro-pernambucana.

Esse apego à tradição tanto presente na fala dos antropólogos, como na dos praticantes das religiões afro-brasileiras, nos faz pensar de que forma, a religião, que é fenômeno dinâmico na sociedade, conseguiu preservar traços das crenças africanas, mas ao mesmo tempo, modernizar suas práticas e crenças, uma vez que precisa se adaptar aos novos tempos.

Dessa forma, entender a proto-história dos Xangôs pernambucanos (a casa das Tias do Pátio do Terço) e sua inter-relação com a espetacularização da Noite dos Tambores Silenciosos na segunda-feira de carnaval, nos ajudarão a entender a visibilidade que as religiões de matriz africana têm no mercado religioso brasileiro.

RELIGIOSIDADE POPULAR E PODER NO NORDESTE ORIENTAL DO BRASIL: DAS TIAS DO PÁTIO DO TERÇO À NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS

Para melhor compreender a relação entre a reafricanização e a espetacularização da festa carnavalesca e sua ligação com o terreiro de matriz africana, foi necessário estudar autores como Stuart Hall (2003) e Nestor García Canclini (2006), que discutem conceitos associados à “identidade”, “cultura”, “popular”, “hibridismo”, entre outros parâmetros necessários de entendimento para associarmos melhor do que se trata este importante acontecimento, que envolve além da festa, o sincretismo religioso e a tradição popular de uma sociedade. Assim relacionamos a Noite dos Tambores Silenciosos como uma forma de manifestação da tradição do bairro de São José:

“A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos.” (HALL, 2003. p. 259).

Outra questão relevante é notada ao estudar Canclini (2006), quando este se propõe a discutir a relação existente entre *tradicional x moderno*; como a Noite dos Tambores Silenciosos se manifestaria. Visto que o evento encara pequenas modificações a cada ano desde sua criação, além de ser uma atração turística em plenas comemorações carnavalescas, contando com a presença não só dos envolvidos, mas também de visitantes alheios e curiosos. Ainda assim sendo considerada uma importante tradição na cultura local, a dificuldade está em entender como este se enquadra aos olhos dos estudiosos.

“a reorganização dos cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos” (CANCLINI, 1997. p.309)

O importante seria então estudar as relações e manifestações existentes, ao invés de buscar conceituar como apenas uma tradição de certa cultura, sem levar em consideração suas ligações externas. Podemos iniciar a busca desses elementos analisando sua origem e personagens que o impulsionaram para que se tornasse esta importante festa no carnaval, enfocando sua fundamental relação com o xangô pernambucano. A fusão de elementos religiosos e carnavalescos pode ser compreendida através da concepção dos praticantes das religiões afro-brasileiras com relação a ambos os fenômenos. A religião afro descendente tem um aspecto festivo, o contato com o sobrenatural se dá de forma festiva, através de processos de transe, possessões e assemelhados e algumas vezes pelo caráter *orgiástico*. A afetividade predomina sobre a racionalidade do comportamento.

Dada a suposição por Motta & Brandão (2002:63) de que a *Casa das Tias do Pátio do Terço* correspondesse ao modelo mais antigo, para não dizer arcaico, do Xangô de Pernambuco, nota-se a importância de aprofundar estudos acerca deste terreiro e as atividades sociais que engloba. Para melhor entendermos o processo até o reconhecimento do terreiro como importante centro na cena afro-pernambucana, é necessário compreender como se deu esta valorização, salientando a figura de Maria de Lourdes da Silva, popularmente conhecida como Badia, respeitável sucessora das *Tias*. Costureira, casada e sem filhos, foi uma das principais mães do maracatu. Viveu sua vida no bairro recifense de São José, reduto de descendentes de escravos libertos tornados trabalhadores de baixa renda. A morada de sua família (Rua Vidal de Negreiros, 143) ficou conhecida como Casa das Tias do Pátio do Terço (devido à proximidade com a Igreja do Terço) ou Casa das Tias, constituído e liderado por xangozeiras; entre elas, Badia.

A Igreja do Terço foi construída por escravos e, segundo alguns historiadores, a área próxima teria sido um cemitério dos negros escravizados. Badia era conhecida por atender os

que a procuravam oferecendo conselhos. Segundo Motta & Brandão (2002:62): “uma magopsicoterapeuta do maior destaque”. Recebia em sua casa pessoas poderosas da sociedade pernambucana e de outros lugares, com as quais estabeleceu alianças, ganhando fama e prestígio. Políticos, jornalistas, advogados, foliões e carnavalescos frequentavam a casa de Badia, que fez dela o quartel general de sua crença e das brincadeiras de carnaval. Presidia a misteriosa Sociedade de São Bartolomeu (santo sincretizado em Exu, em Recife), formada por gente de diferentes origens, estratos sociais e confissões religiosas, como alguns xangozeiros “disfarçados” (Motta & Brandão 2002). As confrarias de negros eram muito fortes no século XIX, sem contar que as Tias e sucessivamente Badia, faziam parte da Congregação de São Bartolomeu que, aliás, consistia na maior e mais prestigiada festa do terreiro, contando inclusive com altas autoridades políticas, e ricos comerciantes. Em entrevista realizada para Pereira (2010), Tata Raminho D’Oxossi relembra:

Ela cultuava o mês de Maria... Tinha. O mês de maio. Santo Antonio. São João e tinha a..., São Bartolomeu. São Bartolomeu era um santo que ela tem um quadro, dia vinte e quatro de agosto ela levava o quadro pra igreja, faz uma missa e volta, faz uma obrigação. (RAMINHO, 2010).

A Sociedade se reunia para comemorar o santo aos 24 de outubro, na casa de Badia, com ladainhas, cânticos em latim e, na Igreja do Rosário dos Pretos, perto no Pátio do Terço, com missa. Como outubro era o mês que se realizava a grande festa anual, coincidia com a “festa do inhame” da Tradição Nagô. Era durante esse mês que Badia oferecia seu Bori (ou ebori) e patrocinava os grandes sacrifícios. Tudo realizado na maior reserva, na presença de dois ou três babalorixás distintos e de mais umas poucas pessoas íntimas e consideradas especialíssimas. Tanto que os pesquisadores que relataram esta passagem eram dois dos poucos escolhidos para participar de ato tão solene e discreto (Cf. BRANDÃO; MOTTA, 2002). Badia gostava de ser apreciada na hierarquia religiosa afro-brasileira como “zeladora dos orixás”. Certamente pela Ausência ou quase ausência de toques em sua casa. Porém não era só conhecida no Recife pelas atividades religiosas, tanto afro-brasileiras como Católicas. Também exercia atividades como carnavalesca. Desde os doze anos, dedicava-se ao carnaval do bairro de São José, costurando roupas⁴. Aliás, ficou muito conhecida por confeccionar fantasias de roupas usadas em desfiles. Ajudou a fundar troças e clubes famosos como Saberé, Vassourinhas, Lavadeiras, Lenhadores e Verdureiros de São José, do qual foi presidente. Foi homenageada em 1985, pela Prefeitura da Cidade do Recife com o “Carnaval Badia” (Cf. PEREIRA, 1993).

Foi Badia quem estabeleceu, juntamente com o sociólogo e jornalista Paulo Viana, na década de 1960, o encontro das nações de maracatu no Pátio do Terço para a cerimônia da



Noite dos Tambores Silenciosos. Nesta noite, sempre uma segunda-feira de Carnaval, os maracatus se encontram no Pátio do Terço e tocam até meia-noite, quando fazem silêncio em reverência aos antepassados arrancados de sua terra e escravizados, revividos pela corte do maracatu. São feitas orações e os ancestrais são convidados, juntamente com Iansã, para fazerem parte da cerimônia. “Os tambores ecoam forte, as luzes se apagam. Tochas iluminam o pátio. Pombas brancas são soltas e voam livres na noite. Paz, harmonia e sossego são pedidos aos orixás. O povo, em silêncio, levanta as mãos para receber as bênçãos. Mas os maracatus voltarão a tocar, mostrando o quão belo é o Recife pegando fogo na pisada do maracatu. A idéia da cerimônia surgiu a partir da homenagem que as nações de maracatu prestavam aos orixás, por ocasião do carnaval, diante do Axé das Tias, onde as calungas, representantes dos ancestrais, dançavam. Para retribuir a honraria e homenagear os maracatus e seu simbolismo, Badia se empenhou em garantir esse encontro cerimonial que hoje integra a programação oficial do carnaval pernambucano, sendo visto como um de seus momentos mais sublimes. Em 1977, Badia abrigou, também, em sua casa a agremiação Clube Carnavalesco as Coroas de São José. Atualmente, mais de 20 nações de maracatu participam da cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos. Alguns desses grupos são seculares, como o Nação Elefante, fundado em 1800 e o Maracatu Leão Coroado, de 1863. De acordo com matérias publicadas pelos jornais pernambucanos, sua contribuição para o Carnaval de Pernambuco não foi esquecida e seu nome é sempre lembrado e homenageado por agremiações famosas, a exemplo do Vassourinhas, Lenhadores e Bloco Saberé” (<http://povodoaxe.blogspot.com/2010/03/maes-de-santo-maes-de-tanto-o-papel.html> - acesso em 29 de janeiro de 2011)

Tive oportunidade de assistir ao espetáculo em 2011; apesar da chuva uma verdadeira multidão concentrada num espaço que provavelmente comportaria com conforto metade dela. “À meia-noite, as luzes se apagam, os tambores se calam e um grupo - liderado neste ano de 2011 pelo babalorixá Tatá Raminho de Oxossi - entoava cânticos afros em saudação aos orixás e aos ancestrais negros. Nesse momento de forte espiritualidade, os líderes se conectam com as origens africanas, pedem energia positiva e, ao fim, quando as luzes se acendem, soltam pombas da paz. Neste ano, uma chuva torrencial desabou sobre o Centro Histórico do Recife tão logo as luzes se acenderam - o que foi entendido por alguns como uma benção dos orixás para lavar a alma dos integrantes dos grupos de maracatus - como a Nação Estrela Brilhante - e do público que se aglomera na rua que desemboca no Pátio do Terço para ver o já tradicional desfile dos grupos na folia do Recife.”





(<http://blognotasmusicais.blogspot.com/2011/03/chuva-politica-e-orgulho-negro-marcam.html> acessado em 10 de março de 2011).

Interessante notar que o espetáculo se prolonga chegando, inclusive em determinadas horas, a se transformar em algo monótono. Porém a louvação aos oguns está cada vez mais breve. Apesar do pouco tempo que permaneci no local, pude perceber que se trata de uma festa que abarca não só festividades carnavalescas e tradições afro no Recife, mas também envolve uma forte energia que concentra o público naqueles minutos de escuridão, onde cada indivíduo sente os cânticos não só como música mas como uma forma de receber mensagens importantes. Presente na programação oficial do Carnaval do Recife desde 1968, A Noite dos Tambores Silenciosos em 2011 foi um momento bonito e envolvente, digno de merecimento por estar inserido na lista de tradições que fazem com que a cultura pernambucana possua tantas peculiaridades.

CONCLUSÃO

Dessa múltipla relação com o poder secular, mágico e espiritual, Badia, que nunca teve filhos carnais, embora tivesse adotado Lúcia, tornou-se a emblemática mãe do maracatu, juntamente com outras como dona Santa, do Maracatu Leão Coroado e Dona Madalena do Maracatu Elefante. A casa onde viveu é hoje o Centro Cultural Casa de Badia, dedicado à cultura afro-brasileira nos carnavais. “Atualmente quem mora na casa é Lúcia, que se não tinha laços de parentesco com Badia, uma vez que esta foi casada, mas não teve filhos, era uma grande amiga e também filha de santo.” (PEREIRA, 2010). Portanto, o Culto dos Orixás e outras entidades do panteão Afro-Espírita em sua casa assumem um papel tão importante quanto às suas atividades como carnavalesca. Para Badia, estas duas realidades se interpenetram e confundem-se, pela própria característica desta forma de religiosidade.

Concluo o texto com as palavras de Pereira (2003) quando afirma que:

“as tradições religiosas da Umbanda, não só incentivam a realização desta grande festa como, sem duvida nenhuma, constituem uma das bases principais sobre as quais foi construído o carnaval brasileiro; mais particularmente, o carnaval recifense com seus Maracatus de Baque Virado, os Caboclinhos do Recife, as Tribos de Índios, o Reisado, o Frevo e outros elementos do nosso carnaval (...). O carnaval também pode ser visto como uma ocasião de transformação da personalidade do indivíduo. Esta é uma festa onde a característica principal é transformar pessoas comuns em reis, rainhas, frevistas experientes entre outras coisas”.

Esta seria então uma das características básicas comuns do carnaval e das religiões populares onde, em ambas, o sentimento de culpa em transpor a ordem vigente, imposta pela hierarquia dominante e tão bem acentuada e administrada pela tradição cristã é completamente absorvido pelo caráter afetivo da transposição da racionalidade.

Então nota-se a assaz importância de dar continuidades a estudos que relacionem o sincretismo religioso com as festividades carnavalescas dentro da cultura afro-brasileira.



Foto 1 - Badia pousando no altar após novena do mês mariano. 1988. Fonte: Arquivo Pessoal Zuleica Dantas Pereira



Foto 2 – Movimentação em frente à igreja do Terço durante a Noite dos Tambores Silenciosos 2011.
Fonte: Arquivo pessoal Maria Gabriela

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Maria do Carmo; MOTTA, Roberto. Adão e Badia: carisma e tradição no Xangô de Pernambuco. In: **Caminho das Almas: memória afro-brasileira**. SILVA, Vagner Gonçalves da (org.) São Paulo: Summus, 2002.

CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**.
Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart: **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2004.

PEREIRA, Zuleica Dantas. As Religiões populares e o carnaval na figura de Badia. **Anais da**



III reunião anual de antropólogos do Norte e Nordeste. Raymundo Heraldo Maués (org.). Vol. 1. Belém: Editora da UFPA, 1993, p. 367-371.

PEREIRA, Zuleica Dantas. **A Presença Feminina nas Religiões Afro-brasileiras e a Face Feminina de Deus.** Cadernos do CCS

PEREIRA, Zuleica Dantas. **Religiosidade Popular no Nordeste Oriental do Brasil: Os afro-brasileiros no Recife- oralidade, textualidade e imagem.** 2010. (relatório de pesquisa de pós-doutoramento) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

